

Um Breve Balanço da Eleição do DCE-UFAL

É fato conhecido que a eleição da coordenadoria do DCE-UFAL, marcada inicialmente para o mês de outubro de 2005, mas só sendo concluída em fevereiro de 2006, encontrou em seu percurso diversos empecilhos. Ao fim de um longo processo de cerca de 6 meses, contados a partir da inscrição das chapas (agosto/2005), a eleição do DCE-UFAL finaliza-se sem termos eleita uma nova diretoria para a entidade, pois o quorum necessário (3.259) não foi atingido por 106 votos. Dentro disso, achamos pertinente abordar, brevemente, algumas questões.

O processo eleitoral de uma entidade deve ser visto como um momento passageiro, de organização do movimento. Claro que neste momento também são postas divergências políticas e diferentes concepções, por isso a existência de chapas distintas e a disputa. Porém, este momento jamais pode ser tomado como o objetivo final da luta e se é assim tratado, as lutas estudantis e suas bandeiras históricas acabam sendo postas em segundo plano ou com a finalidade de projeção político-eleitoreira. A eleição de uma entidade estudantil com as diferentes organizações, grupos e indivíduos que atuam no movimento lançadas de forma alvoroçada para galgar a vitória eleitoral por ela mesma, sem prestar-se a fazer um diálogo franco e aberto, qualificado e firme, fazendo a crítica e a auto-crítica, traz grandes revés ao movimento. Não se consegue agregar mais estudantes para a luta e muito menos manter um programa de ação e reivindicação coerente e consistente, respaldado em uma análise histórica e crítica da realidade social.

Durante todo esse processo procuramos manter uma postura coerente, talvez até mesmo “purista” em alguns momentos, mas sempre crítica, não só perante o movimento como um todo, mas quanto a nós mesmos. Não utilizamos as lutas recentes do movimento para nos promover, como feito por algumas chapas que quiseram “montar” em cima de lutas que não foram feitas ou não são feitas por elas, ou que pouco contribuíram nelas. Mesmo tendo compreensão do papel significativo exercido no movimento por parte daqueles que integraram a chapa “Além do Mito...” ou dos que estiveram em seu apoio, construindo a luta na universidade de forma combativa, independente de DCE ou CA, e ainda tendo que enfrentar um movimento estudantil engessado pela subserviência ou passividade ao governo Lula (vida a defesa da UNE governista por parte desta parcela), não tratamos o movimento e as lutas feitas na Ufal como propriedade nossa.

Atentamos que tivemos duas chapas abertamente governistas: “Coração de Estudante” encabeçada pelo PCdoB e “Continue em Movimento” encabeçada pela Articulação de Esquerda do PT. Além destas, tínhamos a impugnada Correnteza, braço universitário do PCR, partido que mantém ares de clandestino, mas até as últimas eleições presidenciais não passava de um “cachorrinho dócil do PT”, usando inclusive esta legenda para lançar seus candidatos em vários estados pelo Nordeste. Esta última chapa protagonizou os momentos mais deprimentes do ME da Ufal nos últimos anos. Os fatos já foram divulgados. Lamentavelmente para uns “os fins justificam os meios”. E para o fim que se quer vale tudo: coação física, calúnias e mentiras. Importante colocar o quanto este grupo, que hoje comemora o descrédito do ME perante os estudantes, jogou com mentiras ao invés de fazer o debate político. Um fato simples é que os mesmos insistiam em querer nos comparar com a chapa de reeleição, chegando ao cúmulo de nos taxar de “laranja” da mesma e depois passaram a nos acusar de comandar uma grande articulação com as demais chapas para tirá-los da disputa. Piada, e de profundo mau gosto. A “Além do Mito...” defendeu a impugnação da Correnteza, tendo clareza que isto deveu-se a um fato concreto que impediu a continuação da eleição (coação física à comissão eleitoral), o qual não pode ser tratado com vistas grossas sob pena de alimentarmos uma cultura autoritária dentro do movimento estudantil. A falta de democracia não veio de nossa parte, e os estudantes exerceram a democracia direta impugnando por quase unanimidade a Correnteza em Assembléia Geral Estudantil.

A atual despolitização no movimento estudantil não é de hoje e isso também não é uma característica, especial desse “movimento”. Porém, ir além da indignação, do repúdio a tais atitudes que legitimam e potencializam tal estado é mais que uma necessidade, uma obrigação. Talvez, pra nós, fosse mais cômodo se desdobrar e se curvar aos mandos e desmandos de um grupo, e quem acompanha o movimento de mais perto sabia perfeitamente qual chapa tinha uma força real (com militância da Ufal e não importada de fora), mas quem tem compromisso com a luta não ganha eleição de entidade a qualquer custo, nem é conivente com práticas absurdas por comodismo. Mesmo sabendo que quem só tinha a perder éramos nós, pois fomos nós que nos organizamos e discutimos com o zelo necessário, arcamos com o risco. Infelizmente, mesmo para aqueles que não se vendem a governos e políticos, para aqueles que não vêem o ME como “oba-oba”, para aqueles que o entende como algo inserido numa luta mais ampla, de igualdade e liberdade, leva-se inevitavelmente todo o fardo dos oportunistas, carreiristas ou qualquer outro nome que se possa dar aos que se utilizam da luta estudantil ao invés de servirem a ela, como assim deveria ser. Chapas vêm e vão, o Movimento Estudantil fica. Suas lutas permanecem, seus lutadores jamais serão esquecidos.

Lamentamos todo o ocorrido, pois as marcas, ao contrário dos grupos, chapas e indivíduos, elas ficam incrustadas e quem paga é o “movimento estudantil”. Para contornar isso? Luta! E não falta luta a ser feita. A ampliação do Restaurante Universitário e a luta contra as taxas, iniciadas com a ocupação da Reitoria, por exemplo, não podem ser deixadas pra depois. A luta será sempre maior que qualquer entidade, partido ou o que seja. Não temos dúvidas quanto a isso.

**“Além do Mito...”
Março de 2006**